

DE MARIA A MARIAZINHA: COMO A MODERNIDADE DO PÓS II GUERRA MUNDIAL MODIFICOU O LEGADO DA MULHER RURAL DO VALE DO ITAJAÍ. 1950-1960.

Daiana Riechel

Graduada em Design de Moda pelo Centro Universitário de Jaraguá do Sul- SC. Tem experiência na área da pesquisa, com ênfase na área social e cultural. Participou do projeto sócio - econômico Fibra da Bananeira, em parceria com a EPAGRI e Secretaria de Desenvolvimento Regional de SC. Atualmente aluna do Mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade da Universidade da Região de Joinville- UNIVILLE, e desenvolve pesquisa de resgate da manifestação artesanal de bordadeiras.

Email: daiana.riechel@gmail.com

Resumo: Esta pesquisa procura redescobrir o legado da mulher rural e investigar como a sociedade de consumo modificou suas memórias. Em primeiro momento, procura-se entender quem é essa mulher rural do Vale do Itajaí – Santa Catarina, e o que significam suas heranças no contexto contemporâneo. Como técnica de pesquisa utiliza-se a história de vida, visando à pesquisa histórica oral, em que se destacam a subjetividade, o cotidiano e a memória. O capítulo de desenvolvimento apresenta as narrativas de vida, de trabalho, das relações humanas e os saberes dessas mulheres, e como e em que intensidade a sociedade de consumo modificou o legado. A pesquisa conclui enunciando que as memórias permanecem no cotidiano histórico da existência, e que se trata de um processo plural, coletivo, conflituoso, dialético, pois aponta para o inacabamento da vida.

Palavras chaves: Feminino- Herança- Permanência

Abstract: This research seeks to rediscover the legacy of rural women and to investigate how the consumer society changed his memoirs. In the first instance, seek to understand who this woman is rural Vale do Itajai - Santa Catarina, their heritage and

what they mean in the contemporary context. As a research technique uses the story of life, seeking the oral historical research, which highlighted the subjectivity, everyday life and memory. The chapter presents the development of narratives of life, work, relationships and knowledge of these women, and how and to what extent the consumer society changed the legacy. The research concludes stating that the memories remain in the history of everyday existence, and it is a process plural, collective, confrontational, dialectical, because it points to the incompleteness of life.

Apresentação:

O desejo de costurar e juntar os saberes e heranças das mulheres rurais foi o princípio desta pesquisa. O fruto deste florescimento revelou-se em uma pesquisa sobre como a sociedade de consumo pós II Guerra Mundial modificou o legado da mulher rural do Vale do Itajaí. Como a contemporaneidade pulverizada após o conflito mundial, contribuiu para modificar os saberes das mulheres rurais, distantes dos grandes centros urbanos, submersas dentro de um universo e de seus espaços particulares.

Na reconstrução e no reconhecimento de quem somos, é preciso costurar as histórias, os conhecimentos, mas para isso é preciso juntar os retalhos na tarefa de recuperar aqueles que permanecem imersos na condição de exclusão. Somos sistematicamente forçados a adotar em nossa existência, um modo de funcionamento que depende usualmente de identidades prontas e catalogadas, renegando raízes pela “modernidade vaporosa”, que apresenta uma realidade distante da realidade vivenciada por essas mulheres.

Metodologia:

Como metodologia utilizou-se a pesquisa etnográfica, dividida em dois momentos: no primeiro momento, foi realizada a pesquisa exploratória na qual foi realizado o mapeamento das mulheres e dos seus conhecimentos. Paralelo a esta pesquisa de campo, aconteceu a pesquisa bibliográfica e pesquisas em outras fontes: Acervos, Museus e Arquivos Históricos. Na pesquisa exploratória, foram realizadas entrevistas com as mulheres que viveram as décadas de 1950 e 1960. São mulheres residentes no Vale do Itajaí, que hoje atingem a idade de 80 a 90 anos, e que testemunharam momentos importantes da história (especificamente o período

correspondente a II Guerra Mundial), o que permitiu traçar um importante comparativo entre esses períodos, item fundamental para o entendimento do trabalho. No segundo momento, foram avaliadas as informações coletadas e concluída a pesquisa.

Aspetos que constituem o corpo do trabalho:

- Qual é o perfil dessa mulher rural?
- Como se transformou o discurso construído em torno da mulher no período pós II Guerra Mundial?
- Como e quais foram as mudanças nas técnicas artesanais?
- Quando as máquinas passaram a fazer parte do cotidiano dessas mulheres, tomando o lugar da “manualidade”?
- Como e quais foram as mudanças nos valores sociais, humanos e familiares no cotidiano dessas mulheres?

Desenvolvimento:

A mulher rural pré II Guerra Mundial teve um papel muito significativo na construção do Vale do Itajaí durante o período que antecede o conflito mundial e, após esse momento. Conhecer as histórias e a figura dessa mulher é fundamental para que se compreenda toda a engrenagem relatada nesta pesquisa.

As mulheres que viveram e construíram a região do Vale do Itajaí (região norte de Santa Catarina), durante os anos que antecederam a II Guerra Mundial, ainda traziam consigo a imagem da mulher imigrante do final do século XIX. Exibindo um modelo de mulher do interior, ilustravam o seu reconhecimento a partir do que eram por natureza, a partir de seu papel de devotamento à família, aos costumes tradicionais e ao modelo da mulher da época. Esse modelo investia a mulher rural, esposa e mãe, de uma missão utilitária e produtiva: economizar, gerir a casa e educar os filhos.

Essas atividades exercidas em seus espaços, em seus cotidianos marcados por uma realidade de necessidades básicas não satisfeitas, eram essenciais para a sobrevivência da família colona. A produção doméstica feminina começava já no plantio dos alimentos e na criação dos animais, e passava por vários processos até chegar à mesa da família e comunidade. Toda a vasta produção de gêneros de primeira necessidade que as mulheres produziam, refere-se a bens de consumo não duráveis, consumíveis por si sós. Assim, o preparo das carnes, gorduras, doces, conservas, compotas, farinhas, pães, manteiga, queijos, arroz, feijão e tantos outros exigiam a participação especialmente das mulheres da família, enquanto que aos homens cabia toda a produção de materiais utilitários para a vida no campo,

como cestarias e móveis, por exemplo. Mas, no entanto, as receitas, as técnicas de produção, as medidas e quantidades certas, que variavam de acordo com a qualidade dos produtos, com o clima e a umidade do ar, com as mudanças da lua e os segredos da produção, são as heranças femininas que atravessaram as gerações.

São partes de uma identidade, de uma cultura, calcada, fortificada que ainda resiste aos modismos da contemporaneidade. São as prendas domésticas que se tornaram combustíveis para uma indústria regional; prendas que anteriormente eram produzidas particularmente, e que agora são produzidas por maquinários povoando os comércios. A indústria substituiu o artesanato doméstico, feito antes por mãos habilidosas e cuidadosas. Nesse cenário, somos testemunhas das vários fatores que antes estavam presentes na casa e na vida cotidiana dessa mulher rural, e que sofreram as transformações da indústria e da contemporaneidade. São detalhes que encontramos em cada espaço do cotidiano (modos de preparar) alimentos, nas práticas religiosas, no dialeto, na confecção do vestuário da família, nos bordados que enfeitavam as casas, enfim, em toda uma vasta rede de produções e conhecimentos.

Uma parcela das memórias da mulher rural está em nosso tempo, envolta em embalagens. Os artigos, antes desenvolvidos em longos processos, como a produção dos alimentos, dos produtos essenciais a higiene humana, como o sabão, que era feito a partir de uma mistura de gordura e cinzas, atualmente, encontramos em variedades no comércio. Mas, não podemos deixar de citar a mulher em seu papel de proeminente facilitadora desse incremento industrial, e uma facilitadora em potencial, pois foi ela quem cedeu espaços, subsídios, revelando receitas e segredos, e sendo a principal mão-de-obra por excelência para o crescimento da indústria que compõe a imagem desta região de Santa Catarina.

Foram essas mulheres, que auxiliaram seus companheiros, suas famílias a produzir, a trabalhar a terra, e que, além disto, foram responsáveis por uma infinidade de outros trabalhos, pela manutenção de toda uma cultura enraizada, provinda especialmente por imigrantes europeus, repassadas e transportadas por suas mãos e memórias.

Além de todo esse relevante papel, ainda podemos encontrar a facilidade de adquirir os saberes femininos de forma rápida através dos meios de comunicação. Aquilo que outrora passava por um longo processo de comunicação direta entre as mulheres, e que por isso mesmo necessitava de certo tempo para se ter acesso, já não alcança as mesmas proporções de sociabilidade, devido a liquidez de informações.

A mulher rural deixou marcada em nosso cotidiano aspectos da sua história, do seu cotidiano, com os reflexos das crises econômicas, sociais e políticas que afetavam o seu entorno e as suas atividades. Essas mulheres zelavam por suas casas, alimentavam maridos e

filhos e representavam parte do trabalho produtivo nas lavouras. A colonização da região norte de Santa Catarina teve na figura feminina rural, um importante apoio. Sua presença era fundamental para, além de produzir, manter costumes e tradições provindos da terra e lembranças de origem.

Da mãe, esposa, filha, e agricultora eram exigidos também os saberes do universo feminino da época. Deveriam saber das belas artes do lar, das prendas e do artesanato doméstico. A mulher deveria ter o domínio das costuras, do remendo e cerzido, dos bordados, das tramas - do crochê, do tricô; devia ainda produzir laticínios, fazer conservas de frutas e vegetais; devia conhecer das artes gastronômicas, dos chás curadores, dos emplastos e unguentos, das ervas medicinais que curavam enfermidades próprias da região; também deveria produzir óleo, cera, sabão, velas e outras necessidades da vida rural. Além disto, para a mulher rural era extremamente importante saber administrar o lar, seus gastos, suas provisões, e todas as demais necessidades administrativas da casa e família.

Assim, a mulher rural era também uma espécie de respaldo para seus companheiros no constante exercer das atividades econômicas. O casamento era uma sociedade recíproca, aonde as mulheres eram prestadoras de serviços, inclusive sexuais. Sendo então a mulher rural a responsável pela ordem doméstica, seu papel social privado estava restrito ao lar. De outra parte, o homem era o provedor da renda e permanecia associado aos papéis instrumentais e públicos, que buscava na rua o sustento econômico da casa e em troca recebia os serviços da esposa. A própria condição natural de primeira filha e irmã, contemplavam uma preparação para a função posterior de mãe, esposa e dona de casa.

O autor Antônio Morga no livro História das Mulheres de Santa Catarina (2001, p 160-170), relata o que se esperava da mulher imigrante no período da colonização de Blumenau, e quem era essa mulher imigrante rural:

“A colônia de Blumenau iniciou-se a partir de uma empresa particular encabeçada pelo Dr. Hermann Bruno Otto Blumenau. Os primeiros colonos chegaram em 1850, mas nem todos que chegavam ali se fixavam. Até 1897 haviam chegado a Blumenau 10.316 homens e 8.662 mulheres. Da fundação até 1860 a responsabilidade do empreendedorismo coube à empresa do Dr. Blumenau, que, por dificuldades financeiras, a vendeu ao Governo Imperial, continuando a administrar a colônia até a sua emancipação em 1882, quando tornou-se município.

Os imigrantes chegados à colônia eram em grande parte artesãos ou lavradores. Vinham de uma Alemanha conturbada política e economicamente, cujo unificação política somente se completou em 1871. A estrutura econômica feudal foi abolida somente no século

XIX, através de uma reforma que teve como consequência a redução de terras dos camponeses, seu retalhamento em minifúndios e a imigração destes em busca de melhores condições de vida. Com o advento da indústria a partir de 1870, a ruína estendeu-se ainda aos artesãos e trabalhadores da indústria doméstica, liberando ainda um maior contingente para a imigração. Os colonos que aqui chegavam dedicavam-se a pequena agricultura familiar, embora alguns paralelamente, exercessem atividades artesanais. Os lotes de terras variavam entre 33 e 49,5 hectares, e a mão de obra era exclusivamente familiar: os colonos não tinham capital para investir em escravos, e numa economia escravista, a mão-de-obra livre era razoavelmente cara e restrita. Desta forma, o trabalho das mulheres e das crianças era necessário em todas as famílias.

O próprio fundador da Colônia Blumenau escreve aconselhando os novos imigrantes a trazer “uma mulher e boa dona de casa. (...) uma esposa aqui é tão necessária como o pão de cada dia”.

Mas o que faria de uma mulher uma “boa dona de casa”? Alguns candidatos ao casamento tiveram a idéia de publicar as principais qualidades em um jornal da cidade:

Uma lei recente entrada em vigor em Blumenau exige que cada moça que pretende casar deve apresentar um certificado autenticado sobre suas capacidades em cozinhar e administrar a casa, bem como ter a necessária habilidade na costura, lavar roupa, bordar e tricotar, antes que lhe seja colocada a coroa e o véu. Bonito se fosse verdade.

*Ass. Alguns candidatos a casamento.
24/08/1901 - tradução de Edith S. Eimer.*

Pelo visto, nem todas as “moças casadoiras” de Blumenau tinham todas as habilidades. Mas além de limpar, cozinhar, lavar a roupa, costurar, bordar e tricotar, era importante que a mulher soubesse fazer pão e cerveja; matar animais e preparar a sua carne; cuidar da criação; plantar e cuidar da horta; e “ajudar” o marido em seu trabalho, fosse este de agricultor ou artesão. Isto sem esquecer de cuidar da educação dos filhos e do casal. O papel da dona de casa era portanto de suma importância para a manutenção da família. A elas cabe uma série de trabalhos que vão desde o cuidado com a casa e as crianças até a própria produção agrícola, artesanal e às vezes industrial. É toda uma concepção de como deve funcionar uma unidade doméstica.

Em vários relatos de imigrantes, fica patente seu sofrimento nos primeiros tempos de colônia, até a adaptação à nova vida. Neste “sofrimento destaca-se a questão da alimentação, muito diferente aqui da consumida na Alemanha”. Tudo era estranho e

diferente: o clima, os insetos, as primeiras casas, a solidão. Cabia às mulheres atenuar essa estranheza com sua presença, sua companhia e seu trabalho de dona de casa. Uma “boa dona de casa” devia saber criar, no meio da floresta, um lar aconchegante e confortável, com uma alimentação, semelhante à alemã. Em todas as casas alemãs se vê primeiramente a mulher alemã. Ordem, limpeza, conforto mesmo com a maior simplicidade, estas são as virtudes do lar alemão trazidas, que, nas casas brasileiras, sem exceção faltam. Além do conforto material, a boa dona de casa deveria oferecer ao marido carinho e companhia, como escreve Julius Baumgarten em suas cartas às irmãs na Alemanha, em que inclusive pede que elas encontrem uma noiva para ele:

Em primeiro lugar queria encontrar uma boa trabalhadora, culta, não muito feia para esposa. Uma querida companheira que esteja disposta a dividir comigo a solidão da floresta e que me receba à noite, ao chegar cansado em casa, com carinho e um sorriso nos lábios.

O que estamos vendo até agora, são idealizações. Dificilmente todas as mulheres alemãs e suas descendentes poderiam ser “donas de casa” impecáveis. Veremos mais adiante alguns exemplos disto. Mas o que interessa, neste momento, é o que se esperava destas mulheres, expectativas estas que serviam de guia para a sua formação, tanto em casa como na escola e em outros espaços.

Estas qualidades requeridas em uma esposa ligam-se, como já coloquei, a uma idéia de conforto doméstico trazida da Europa e a valores morais e religiosos dos imigrantes, cuja maioria em Blumenau, neste período era formada por protestantes luteranos. Portanto para ser uma “boa dona de casa” em Blumenau, era necessária toda uma formação de menina, visto que esta deveria exercer uma série de atividades que, naquela época, já eram muitas vezes exercidas por profissionais especializados e qualificados. Este aprendizado das prendas domésticas dava-se ao longo da vida de menina, até a adolescência, e imbricava-se com outras atividades e mesmo com a educação escolar e religiosa. Mas o espaço, por excelência, da educação da mulher o próprio lar.

Desde pequenos, as filhas e os filhos auxiliavam em tarefas domésticas e agrícolas, simples e leves no início. Gradativamente ganhavam importância na economia familiar, seja na propriedade rural ou no empreendedorismo como assalariados para outras pessoas. (...) Esta formação, para meninas e meninos, não se restringia, porém, ao aprendizado e ao desenvolvimento de habilidades manuais e capacidades técnicas. Também não bastava

ensinar-lhe os rudimentos da escrita e de leitura. Havia valores que se fazia questão de passar e que eram aprendidos em casa, assim como na escola, na Igreja e mesmo em outros espaços.

É necessário observar que esta formação se dava de maneira diferenciada, não só por gênero como também por classe e por local de moradia (urbano e rural). Para as mulheres, havia as prendas domésticas, em todas as classes sociais, na colônia ou na vila. Variava segundo a classe e o local de moradia, o grau de instrução escolar e artística, e o tipo de trabalho que fazia, se agrícola, artesanal, industrial ou somente doméstico. Para os homens pobres, havia além de pequena instrução escolar, o trabalho na lavoura ou o aprendizado no artesanato, comércio ou indústria. Para os mais abastados, havia maior possibilidade de instrução, pelo menos o grau médio, e os negócios da família.

A formação de uma pessoa enquanto membro de um grupo social, ou seja, sua socialização, não se dá em um lugar específico. Embora algumas instituições sejam responsáveis de forma mais direta por esta socialização, como a família e a escola, ela se dá diluída no cotidiano, através das múltiplas atividades que a pessoa é levada a desenvolver, dos valores que passa a aceitar e defender, dos exemplos que tem à disposição para seguir. (...) Porém há padrões a serem seguidos, exigidos por algumas instituições que dirigem a formação das mulheres: a família, a escola, a Igreja. Estas instituições imbricavam-se ao ponto de haver padres e pastores que eram diretores ou professores de escolas. Por outro lado, a instrução religiosa era também ministrada em casa e na escola, por exemplo. Além disso, a família não ocupava, na maioria das vezes, somente o espaço da casa, mas também a propriedade agrícola, artesanal, comercial ou industrial a ela pertencente. Assim, poderíamos chamar este espaço de “unidade doméstica”.

A formação de uma boa dona-de-casa começava na unidade doméstica desde cedo. Ainda pequenas, as crianças ajudavam trazendo coisas, procurando ovos no galinheiro, alimentando os animais, ajudando suas mães nos trabalhos mais variados. Era desta forma que aprendiam. Se, nas famílias que se dedicavam à produção agrícola, as crianças eram integradas aos poucos aos trabalhos- domésticos ou não-, o mesmo se pode dizer das famílias que partiam para algum tipo de produção artesanal ou manufatureira. Na família Hering, por exemplo, mesmo as crianças mais novas tinham suas tarefas, na atividade manufatureiras de roupas de malha e de algodão.

Gretchen e Max vão duas vezes à escola, mas não são obrigados a realizar pequenos serviços na fabricação. Agora veja, querida Aurelie, cada qual trabalha de acordo com suas forças.

Carta de Minna Hering.

Através da documentação levantada, podemos dizer, em suma que as mulheres de origem alemã de Blumenau eram preparadas, na unidade doméstica de sua família, para serem boas donas de casa, trabalhadeiras, limpas e prendadas. Esta formação se dava através da participação das meninas, desde pequenas, nas atividades desenvolvidas pela família: doméstica, agrícola e artesanal. Na convivência com a mãe e demais membros da família, a menina aprendia também hábitos de conduta e valores morais”.

*O trecho acima faz parte do livro *As mulheres de Santa Catarina*, e traz em seu conteúdo um apanhado geral da situação enfrentada pelas primeiras imigrantes do estado de Santa Catarina, em diferentes regiões do estado. Essas mulheres imigrantes tinham um papel muito significativo a desempenhar, dito fundamental na construção da região, principalmente na questão da povoação, que nesse período era fundamental para o crescimento, nesse caso em especial para a localidade de Blumenau”.*

Mas essa representação da figura feminina, não estava presente apenas na vida das mulheres rurais e imigrantes de nossa região, FREYRE (1968, p 109) disserta sobre a realidade da mulher colonial fazendeira da região centro oeste do Brasil, ainda no século XIX:

O fato de que no século XIX os limites domésticos em geral consistirem nos limites do trabalho feminino apenas refletia que, numa sociedade pré-industrial, o domínio da produção não se deslocaria ainda do domínio familiar. Para uma fazendeira, que era ao mesmo tempo uma dona de casa, um conjunto de tarefas deveria ser realizado. Assim, levantando-se cedo a fim de dar andamento aos serviços, ver se partir a lenha, se fazer o fogo na cozinha, se matar a galinha mais gorda para a canja; a fim de dar a ordem para o jantar, que era às quatro horas, e dirigir as costuras das mucambas e molecas, que também remendavam, cerziam, remontavam, alinhavam a roupa da casa, fabricavam sabão, vela, vinho, licor doce, geléia. Mas tudo devia ser fiscalizado pela iaiá branca, que às vezes não tirava o chicote da mão.

Através das entrevistas, observa-se que apesar das facilidades oferecidas pela contemporaneidade, o passado ainda permanece nos espaços dessas mulheres. O passado permanece no cotidiano, está presente nas paredes dos lares, nas valiosas fotografias que são testemunhas de um tempo sagrado. O mobiliário construído pela figura paterna ocupa lugar de prestígio dentro da casa. São partes de toda uma vida e do próprio corpo da habitante da casa, podemos dizer que “certos objetos simbólicos referem-se a papéis sociais específicos” (BURKE, 2004).

Os maquinários e o artesanato doméstico após II Guerra Mundial.

O advento da II Guerra Mundial foi um divisor no século XX. Além de transformar a economia mundial, o conflito contribuiu para o estímulo a um novo cenário econômico, novos perfis sociais, comportamentais, e na relação entre os gêneros. Algumas nações, a partir deste momento passaram a influenciar o cenário ocidental, especialmente os Estados Unidos. A partir deste momento, sua cultura, indústria, tecnologia, cinema, vestuário, seus ícones, seus produtos industrializados, enlatados, e todo o seu sistema político e econômico, foram pulverizados, adentrando nas casas e chegando aos lugares mais distantes, inclusive nos espaços habitados pelas mulheres rurais, ainda que (em alguns casos) de forma lenta. Algumas senhoras relataram que receberam a tecnologia em seus lares, somente quase duas décadas após o advento da II Guerra Mundial.

Neste trajeto de recebimento, algumas famílias permaneciam sob luz dos lampiões, e muitas dessas mulheres faziam o trabalho doméstico à noite, o único momento disponível. Então costuravam as roupas ou bordavam o enxoval para o casamento. Produziam-se os alimentos, ou mesmo o abate de animais domésticos para alimentar a família. Antes da chegada das “facilidades tecnológicas” todo o árduo trabalho doméstico e rural (lavoura), era realizado manualmente, de forma artesanal, necessitando muito da força, incluindo as crianças que desde cedo acompanhavam os pais em todas as tarefas diárias.

Além disso, a mulher rural além de participar do trabalho na lavoura tinha todo um aglomerado de funções e serviços domésticos que, inevitavelmente, cabiam apenas à ela, visto que o homem não participava, pois esse era considerado “o trabalho das mulheres”. Durante as entrevistas realizadas esse fato ficou muito evidente, e elas se recordam com clareza desses tempos, quando o trabalho tomava um significativo espaço em suas vidas, não permitindo se dedicar a outras atividades como os bordados, por exemplo.

E esse trabalho aumentava após o casamento, por que a partir de então incluíam-se os filhos. A maioria das mulheres entrevistadas relatou que por esse motivo não se interessava em dar continuidade ao artesanato doméstico, às prendas que enfeitavam os lares. Mas para que a nova vida funcionasse era necessária a participação de todos da célula familiar, incluindo principalmente o corpo e os saberes femininos, seja ela mãe, filha ou esposa, todas sem exceção trabalharam ao lado e muitas vezes à frente de seus homens. O trabalho colono tinha um valor importantíssimo na realidade dessas mulheres, afinal era a base do sustento e sobrevivência de toda a família.

Enquanto os homens construía as casas, o mobiliário com suas técnicas e saberes, as mulheres permaneciam dentro dos lares, zelando pela família, economizando e organizando toda a ordem doméstica. Às vezes permaneciam sozinhas com os filhos na propriedade, enquanto os maridos adentravam nas matas a procura de mais terras ou alimentos por dias seguidos. Eram dias e noites à luz de querosene. Enquanto isso era parte integrante das tarefas femininas atividades pesadas, como o plantio, a manutenção da lavoura – a capinagem e a colheita, carregando nas costas grandes quantidades dessas produções (sacos de arroz, milho e mandioca, e também o trato para os animais domésticos).

Além desses, havia todo o trabalho de transformação posteriormente desses alimentos. Assim podemos relatar, uma vasta produção de artigos para o consumo familiar, como o café, a cana-de-açúcar - que no engenho tornava-se o melado, que se tornava mais adiante, através de outro processo, numa espécie de geléia, ou também bebidas, como a cachaça (vício e remédio); mandioca- farinha, milho – fubá para fazer o pão, entre outras variedades de alimentos.

Haviam ainda os filhos, um grupo geralmente muito significativo de crianças. Os maiores já auxiliavam nas produções domésticas, enquanto que os menores eram carregados geralmente junto as mães. Na roça, por exemplo, as crianças de peito permaneciam dentro de cestos de palha embaixo de árvores para proteger do calor do sol.

E as atividades da ordem doméstica não se limitavam apenas a isso, havia todo o trabalho no pomar, na horta, com as frutas, as verduras, os legumes, os chás curadores e os temperos (extremamente importantes). Os unguentos caseiros eram muito comuns, permanecendo seus preparos guardados principalmente junto às mulheres. Eram saberes fundamentais para a sobrevivência na região, transmitidos e revistos entre os grupos femininos nas comunidades e nas gerações posteriores. Algumas mulheres já não se recordam facilmente, mas é essencial o conhecimento dessas heranças que foram tão importantes para a sobrevivência desta história e memória. A história dos imigrantes e seus descendentes- construtores, artesãos,

curandeiros, bordadeiras, costureiras, que atravessaram uma imensidão desconhecida em navios em busca da própria reconstrução, deixando para trás uma parte de suas histórias.

Por outro lado, havia o desejo pela novidade facilitadora, a praticidade das máquinas, dos produtos enlatados, da margarina ao invés da manteiga, da cera pronta enlatada, do sabão industrial ao invés daquele produzido artesanalmente, do sabonete exibido nas revistas de moda, das compotas embaladas ao invés daquelas produzidas pelas mãos das mulheres colonas. Tudo isso, que na realidade não era percebido, pois fazia parte do cotidiano, era para essas pessoas algo intrínseco, e este momento já orientava para o início das transformações que estavam ocorrendo na sociedade.

As fábricas/indústria, com seus horários e padrões pré-determinados, acabaram por mecanizar os indivíduos. A II Guerra Mundial foi determinante na construção de novos modelos econômicos e sociais. A mulher é uma peça fundamental dessa engrenagem invisível, e a indústria - seja esta enquanto produtora de bens de consumo alimentícios ou técnicos/ materiais, soube atingir esse público. A preocupação com a higiene e com a saúde também contribuiu para a divulgação dos novos hábitos domésticos, já que após o conflito mundial, a medicina ocupou um espaço significativo na sociedade, tomando o lugar dos saberes femininos (dos chás e unguentos caseiros).

No universo feminino as mudanças foram muito fortes, em especial relatamos o período após o nascimento dos filhos; as mulheres entrevistadas relataram que os nascimentos aconteciam em suas casas, sob os olhares e ajuda das mulheres mais velhas da família, geralmente a mãe ou a sogra. Durante esse período, apesar de todo o serviço doméstico e caseiro, algumas das mulheres permaneciam dentro de suas casas, aproximadamente quarenta dias sob um regime severo; nesse regime incluía-se uma alimentação à base de canjas de galinhas. As mulheres permaneciam recolhidas, banhos em excessos eram evitados, principalmente lavar os cabelos durante o período de “resguardo”. As senhoras entrevistadas, relataram que esses cuidados eram fundamentais, mas que os mesmos não foram empregados por suas netas, por exemplo.

Porém, essa realidade muitas vezes não era comum à todas. Algumas mulheres relataram que apesar de estarem neste período, precisavam continuar com o trabalho da casa; isso significava cuidar dos animais e buscar o sustento para esses, bem como voltar a trabalhar na lavoura e realizar todo o trabalho doméstico. Algumas mulheres além de trabalharem no período após o nascimento de seus filhos, trabalhavam também durante a gestação, sem nenhum tipo de acompanhamento médico. As mulheres entrevistadas se recordam de que nunca haviam recorrido a profissionais. Elas confiavam e contavam com a sabedoria das

mulheres mais velhas. Essas eram os verdadeiros alicerces, visto que os homens em nada contribuíam, e até permaneciam afastados de suas esposas durante todo o período de gestação. Para a mulher rural deste momento de nossa história, recorrer a um médico era vergonhoso, afinal isto era um assunto tratado unicamente na intimidade do círculo feminino.

As mulheres do pós lar: Quem é a mulher do após II Guerra Mundial? 1950-1960.

A partir da década de 1950, um novo perfil do feminino passa a existir, promovido especialmente pela indústria de entretenimento, no qual as virtudes, a beleza e o corpo feminino começavam a ser explorados. Essa publicidade exibia as mulheres do lar, a mulher-mãe exemplar, doceira, caseira, costureira, e também a mulher sedutora. O modelo desejado era de uma mulher prática, juvenil, maquiada com ruge e batom, cheirando a colônia, a sabonete *Lux*, da mesma forma que as atrizes de cinema exibiam nas revistas.

Por trás dessas transformações principalmente entre as mulheres, surge ou pelo menos se legitima uma nova preocupação: a de se manter sedutoras. As novas revistas femininas, como *Marie Claire*, lançada em 1937, insistem que as mulheres, se quisessem conservar seus maridos, devem se manter atraentes. (...) Mas isso não estava no contrato que fundava o casamento da geração anterior. Os cuidados com a beleza, a maquiagem, o batom já não são apanágio das coquetes e das mulheres fáceis: agora são maneiras honestas de valorizar os próprios encantos. (PROST, 1992, p 98)

Uma mulher transformada pelo louro da *TecnoColor*, que estivesse pronta e feliz por conseguir diminuir seu tempo dentro do lar, através das engenhocas mecânicas (liquidificadores, máquinas de lavar, batedeiras, enceradeiras, geladeiras, ferros à vapor, etc.) dos produtos empacotados, também oferecidas pela indústria em ascensão.

No período entre as duas guerras foi elaborada em particular nos Estados Unidos, uma nova imagem da mulher do interior, menos marcada pelo espírito de devotamento do que pela sedução, pela felicidade consumista, pela emancipação em relação aos costumes tradicionalistas. O aspirador de pó, as máquinas de lavar roupas, o fogão a gás, o refrigerador, a alimentação em conserva são saudados

pela publicidade como instrumentos libertadores da mulher.
(LIPOVETSKY, 2000, p 210)

Na realidade “a mulher pré- II Guerra era idealizada segundo certos valores que estavam, por sua vez, calcados na visão e na ideologia religiosa patriarcal, imposta e conservada via família. Essa mulher que até esse momento está limitada ao seu universo doméstico, foi “substituída” em parte, por uma mulher consumista e industrial, que apesar de até certo momento ter conservado o ideal familiar, já possuía um olhar voltado para a indústria e suas extensões. A situação sócio-econômica pós II Guerra Mundial foi fundamental na formação da nova figura feminina. A mulher foi uma agente essencial quando os novos modelos sociais foram instaladas. Novos valores de vida humana foram implantados, em especial o ideal norte americano de viver, o *American Way of Life*, que trazia para o mundo uma espécie de brilho novo, através de suas tecnologias, com produtos sedutores e embelezadores.

Muito proferido e fortalecido em função da expansão americana frente ao novo cenário mundial que estava se edificando, o *American Way of Life*, gerou sérias mudanças em relação à figura feminina. Durante o período do conflito, uma nova imagem de mulher nascia, menos marcada pelo espírito de devotamento aos costumes tradicionalistas. As máquinas facilitadoras eram observadas como “instrumentos libertadores” da mulher. Apesar de haver ainda a permanência da figura feminina relacionada a papéis privados estéticos e afetivos, a mulher posterior à guerra já sinaliza pequenas mudanças em sua postura. Trabalhando nas fábricas e no comércio, são influenciadas por uma cultura de massa que estava em proeminente crescimento. Essa mulher aparece trazendo novas ideologias e gerando uma revisão de valores e hábitos. São mulheres que além de saírem às ruas em busca de oportunidades de trabalho se espelham nos ícones do cinema. Influenciada pela moda extremamente feminina que os franceses criaram, e por uma nova e charmosa moda americana, essa mulher se vê nos papéis de esposa e mãe moderna, envolta na sedução física, na magia das novidades, promessas ruidosas de mercadorias e boas compras. Isso se reflete em sua aparência.

O período correspondente ao final da II Guerra Mundial, despertou para uma nova geração, que trouxe consigo novos estilos de família, novos modos de trabalhar, de amar, viver, de existir para o outro, além de uma nova economia e novos conflitos políticos, tudo isso geraria uma profundas e sérias transformações nas relações com o passado, presente e futuro.

A partir de então uma sociedade programada para inventar necessidades e novos problemas começaria a ser construída. E essa sociedade construiria novas formas de relações entre os indivíduos, relações semeadas sob o princípio do narcisismo, aonde um sentimento de grandiosidade, uma certa tendência autocêntrica seria levada ao máximo, impulsionada por um mercado em profundo crescimento, que subsidiado por meios de comunicação levariam às massas uma fantasia do existir, principalmente para as mulheres, que a partir de então receberiam uma atenção especial por parte desses agentes.

Mas essa mesma mulher, que do mundo rural transita para o mundo urbano, não conseguia se enxergar nesse contexto, muito menos se via como um elemento da engrenagem. Na realidade essa mulher acreditava estar no caminho da emancipação feminina. Estava em meio a correnteza do processo, sendo lançada de um lado para o outro, em meio ao tumulto, tanto que se esqueceu do dia em que deixou de freqüentar a venda “secos e molhados”, para freqüentar supermercados; quando deixou de lado os pacotes de papel com os alimentos visíveis e palpáveis, para levá-los embalados, prontos, invisíveis; quando deixou de produzir o próprio queijo, o próprio sabão caseiro para encontrá-los e comprá-los nas prateleiras dos super mercados. E a mulher rural compra esses produtos mesmo sabendo que a sua produção é infinitamente melhor, saudável e especial.

Porém, a mulher rural não compreende que as suas heranças adentraram nas indústrias através da sua própria condição. A criação humana dessa mulher forte, agricultora, artesã, foi a responsável pela distribuição do saber feminino colonial para o sistema industrial, massificado, e também para a inclusão desse sistema nos lares. Foram os filhos e filhas dessas mulheres, que após trabalharem arduamente na propriedade da família ao lado dos pais, foram para as fábricas, que a partir de 1950 que se multiplicaram no Vale do Itajaí. Trabalhar e transformar a realidade de suas famílias rurais foi a tarefa desses filhos, que levaram para o interior das fábricas tudo o que aprenderam e receberam dentro dos seus lares, inclusive o seu mais precioso saber- a força de trabalho, uma herança de seus antepassados imigrantes.

Por sua parte, esses filhos e filhas da colônia levaram para dentro de seus lares tudo aquilo que tinham visto dentro das fábricas e fora dessas, nos centros urbanos. Eram eles que transmitiam as novidades à família no interior. Foi a partir de então que a mulher rural teve acesso aos maquinários facilitadores, a partir de então o processo seria contínuo. Cada vez mais as máquinas e a tecnologia tomariam conta dos lares e sufocariam os saberes artesanais femininos. As mulheres cansadas da vida roceira engavetaram conhecimentos de sua própria história e de vida. A partir de então nada seria mais como anteriormente. A partir desse

momento o artesanato permaneceria guardado dentro dos baús dessas mulheres ou, em alguns casos, essas produções seriam transmitidas às gerações posteriores. Seriam presenteadas, afinal eram objetos de adornos, e serviriam para enfeitar as casas das filhas e netas. Pode-se registrar que se trata de uma forma de conservar a memória familiar, era uma maneira de efetuar as conexões do amor através das fronteiras da ausência.

A alimentação era cada vez mais industrializada, as produções caseiras perderam espaço, a nova mulher já não possuía os saberes artesanais de suas antepassadas e estava muito mais preocupada com sua estética e com sua carreira profissional. Nem mesmo enxoval de casamento era produzido por essa nova mulher, enquanto que há alguns anos atrás isso era quase uma ordem, a partir de então já não era compreendido como tal. Após a explosão dos industrializados a figura feminina estava muito mais dentro das indústrias do que propriamente dentro das suas casas, produzindo artesanato e bens de consumo familiares. Cardoso (1980, p 28-29) disserta a respeito desse assunto.

Na Europa e nos Estados Unidos na década de 1950- na Áustria 38% das mulheres eram economicamente ativas, enquanto que na Grã Bretanha e EUA esse número estava em 31% e na França em 33%. A pesquisa ressalta ainda que durante a guerra, entre 1939 a 1944, o número de mulheres ativas economicamente cresceu muito, na Inglaterra houve um número maior, foram 44%. As necessidades da guerra tiveram um efeito mais ou menos compulsivo na mão-de-obra feminina. As mulheres eram instaladas a aceitar o trabalho pelo menos em tempo parcial, o que significou um grande encorajamento ao emprego das mulheres casadas. O Departamento de Trabalho, Emprego e Administração, dos EUA, oferece dados a respeito da situação da mulher no mercado de trabalho desse país. É também durante a guerra que os efetivos femininos, passaram de 10.880.000 em março de 1941 para 18.030.000, em agosto de 1944. Em dezembro de 1944, a participação feminina na população economicamente ativa dos EUA atingiu a taxa de 34%, ficando o desemprego de mulheres reduzido, nessa época, a menos de um quarto do que havia sido em 1940.

Assim como disserta Lipovetsky (2000, p 236) “a mulher era um ser pensado e idealizado segundo a visão e os princípios do homem”, que por sua vez considera-se o criador desta idéia que temos de civilização, é ele quem determina os parâmetros da utilização e função da mulher.

Conclusão:

Na realização desta pesquisa, descobriu-se um perfil feminino na forma de esposa, mãe e companheira. Mulheres molduradas em condições sociais e humanas que não se modificaram, com os quais elas conviveram durante toda a existência e reproduziram para as gerações posteriores. Nessa realidade os saberes que essas mulheres trouxeram consigo, em suas memórias, foram aos poucos engavetados pela contemporaneidade pulsante, que entrou no universo dessas mulheres através dos seus filhos, que foram às fábricas. Filhos e filhas que cederam às fábricas uma mão de obra importante, e que ao mesmo tempo levaram para dentro de seus lares as máquinas que substituíram as mãos femininas, que substituíram os processos artesanais.

Mas essa realidade parece não povoar de fato as memórias das mulheres rurais. Muitas informações importantes foram apagadas com o passar dos anos e das experiências vividas durante o decorrer de suas existências. Muitos saberes foram absorvidos pelo consumismo, pela voracidade da indústria e a alienação das próprias mulheres, que por sua vez não reconhecem a si mesmas como agentes importantes e fundamentais de todo esse processo. O artesanato doméstico que elas produziram durante toda a sua vida, as técnicas, os saberes e toda a vasta produção de bens de consumo e embelezamento da vida, foram engavetados e encobertos de tal forma que, redescobri-los exige ainda um longo tempo de pesquisa e reflexão.

Esse engavetamento que me refiro, não diz respeito apenas ao esquecimento das próprias mulheres, diz respeito também ao esquecimento que as mulheres contemporâneas fazem de si mesmas. As mulheres desse momento não florescem para a sua natureza, elas não permitem que a herança da mulher rural frutifique. Trazemos todos esses saberes conosco, sem o saber. Mas esses saberes não florescem em função de uma realidade de vida impossível, em que simplesmente a reflexão a respeito é impensável, e para muitas até mesmo impossível, motivo de deboche. Em instância alguma, acreditamos que nós mulheres contemporâneas somos semelhantes a essas mulheres rurais. Mulheres que não zelam pela estética, que não cuidam das unhas, dos cabelos e de nada que diz respeito ao corpo, mulheres que não possuem mãos, possuem mecanismos para pegar objetos, para trabalhar.

Em função deste tipo de pensamento, muitas informações e muitos saberes se perdem em meio ao tempo que passa. A mentalidade da mulher moderna, consumista e alienada da sua própria história, torna-a um simples item em meio a toda a correnteza do mundo contemporâneo. Uma figura ingrata, pequena, e subjugada aos desejos do outro. Um ser, muitas vezes sem consciência da sua real importância, ignorante de sua própria existência, da

suas memórias e história, que mal sabe produzir o próprio alimento. Uma mulher de corpo e alma descartáveis, mutáveis conforme as modas.

Na conclusão deste trabalho é impossível um ponto final. Essa pesquisa é um estudo de vida, de existência humana que está intimamente ligada ao tempo, e que está na raiz de tudo o que nos rodeia e permite viver - a terra. Por que afinal, tudo dela surgiu e continua desta forma. A terra, em sua dimensão cósmica, nos dá a vida e norteia tudo o que existe. A terra que representa o coração e a essência de vida dessas mulheres rurais.

Referências:

- AGUIAR, Neuma. **Mulheres na força de trabalho na América Latina**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1984.
- AMENO, Agenita. **Crítica a tolice feminina**. Rio de Janeiro: Ed. Do Brasil, 1979.
- ARIÈS, Philippe. **História sexual da criança e da família**. 2ª ed. São Paulo:Ed. Afiliada, 1981.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro:Ed. Nova Fronteira, 1980.
- BERGER, John. **Modos de Ver**. São Paulo: Ed. Rocco, 1999.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1896.
- BOLEN, Jean, S. **As deusas e a mulher - nova psicologia das mulheres**. 3ª ed. São Paulo: Ed. Paulus, 1990.
- BRAUDEL, Fernand. **A dinâmica do capitalismo**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1987.
- BUCKER, Bárbara, P. **O feminino da igreja e o conflito**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1995.
- BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. Bauru: EDUSC, 2004.
- CHITI, Jorge, F. **Artesania, Folclore y Arte Popular**. Ediciones Condorhuasi, 2003.
- DE MASI, Domenico. **A economia do ócio**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2001.
- FREYRE, Gilberto. **Sobrados e Mucambos**. Rio de Janeiro: Ed. José Olympo, 1968.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. 13ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal, 1979.
- _____, Michel. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro, edições Graal, 1984.
- GAIARSA, José, A. **O que é pênis**. 2ª ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1989.
- HALL, Edward, T. **A dimensão oculta**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

HOLLANDER, Anne. **O sexo e as roupas**. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 2003.

JACOBIA, Eloá; KÜHRNER, Maria, H. **Feminino e masculino no imaginário de diferentes épocas**. Rio de Janeiro: Berthrand Brasil, 1998.

KEHL, Maria, R. **A mínima diferença**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1996.

LASCH, Christopher. **Refúgio num mundo sem coração**. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1995

LEITE, Márcia, G. **O papel da mulher no mercado de trabalho**. MO. Blum, 1999.

LEWENKAK, Sheila. **A mulher e o trabalho**. Portugal: Ed. Presença, 1992.

LIPOVETSKY, Gilles. **A terceira mulher- Permanência e revolução do feminino**. São Paulo: Cia das Letras, 2000.

MACFARLAME, Alan. **História do Casamento e do Amor- Inglaterra, 1300-1400**. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

MAÇANEIRO, Marlon. **A ascensão da mulher no mercado de trabalho Blumenauense e a empregabilidade**.- MO Blum, SC, 1998.

MORGA, Antônio. **História das mulheres de Santa Catarina**. Ed. Argos, 2001.

OLIVEIRA, Albertina. **Uma questão de gênero**. São Paulo: Ed. Rosa dos Tempos, 1992.

PENA, Maria, V. **Mulheres e trabalhadoras - presença feminina na constituição do sistema fabril**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

PRECIOSA, Rosane. **Produção Estética**. São Paulo: Ed. Anhembi Morumbi, 2005.

PROST, Antoine; VICENT, Gerard. **História da vida privada – I Guerra aos nossos dias**. São Paulo: Cia das Letras, 1992.

QUINTANEIRO, Tânia. **Retratos de Mulher- o cotidiano feminino sob o olhar de viajeros do século XIX**. Petrópolis- RJ: Ed. Vozes, 1995.

RENAUX, Maria, L. **O papel da mulher no Vale do Itajaí- 1850-1950**. Blumenau: Ed. Furb, 1995.

RIBEIRO, Berta. **O artesão tradicional e seu papel na sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: FUNARTE, 1983.

SCHÖRNER, Ancelmo. **O arco-íris encoberto- Jaraguá do Sul, o trabalho e a história: operários, colonos- operários e faccionistas**. Joinville-SC: Ed. FURB, 2000.

SINGER, Paul. **O capitalismo – sua evolução, sua lógica e sua dinâmica**. 14ª ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1987.

STALLYBRASS, Peter. **O casaco de Marx- roupas, memórias, dor**. São Paulo: Ed. Autentica, 2004.

- STUART, Heloneida. **Mulher objeto de cama e mesa**. 5ª ed. Petrópolis: Ed. Vozes, 1986.
- TERTULIANO. **A moda feminina e os espetáculos**. Lisboa: Verbo, 1974.
- TELLES, Ricardo. **A Saga- retratos das colônias alemãs no Brasil**. São Paulo: Ed. Terra Virgem, 1997.
- THERBORN, Göran. **Sexo e Poder- a família no mundo**. São Paulo: Ed. Contexto, 2006.
- VIORST, Judith. **Casamento para toda a vida**. São Paulo: Ed. Melhoramentos, 2005.
- WOORTMANN, Klass. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Ed. Tempo Brasileiro, 1987.
- _____, Elle, F., **Herdeiros parentes e compadres**. São Paulo: Ed. Universitária de Brasília, 1995.
- XIMENES, Sérgio. **Minidicionário Ediouro**. 4ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.